



FOTOS: Irina Morán – Revista Alfilo – Periodista Feminista.  
Militante de Ni Una Menos Córdoba y Mujeres por un parto Respetado

## MULHERES E DOCÊNCIA NA EBTT: ESPAÇO PARA HOMENS?

Eliane Quincozes Porto<sup>1</sup>  
Vantoir Roberto Brancher<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo discute a pesquisa realizada na Educação Básica Técnica e Tecnológica de um Instituto Federal, a partir do Mestrado Acadêmico em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria. Buscamos perceber como foram constituídos seus trajetos formativos e seus saberes docentes nos Cursos Técnicos, as possíveis implicações do ser mulher na construção profissional e significações de docência. Nossa escolha metodológica foi a pesquisa qualitativa com narrativas orais de vida, sob as lentes do Imaginário Social. Os dados foram produzidos com entrevistas individuais, e a análise dos mesmos organizou-se com a Análise de Conteúdo Categorical Temática. A pesquisa apontou significações instituídas no contexto sócio-histórico, bem como relações de poder que aparecem imbricadas nesses espaços de formação e de trabalho.

**Palavras-chave:** Trajetos formativos; Docência e Gênero; Imaginário Social.

## MUJERES Y DOCENCIA EN LA EBTT: espacio para hombres?

**Resumen:** Este artículo discute la investigación realizada en la Educación Básica Técnica y Tecnológica de un Instituto Federal, a partir del Máster Académico en Educación Profesional y Tecnológica de la Universidad Federal de Santa María. Buscamos percibir cómo se constituyeron sus trayectorias formativas y sus saberes docentes en los Cursos Técnicos, las posibles implicaciones del ser mujer en la construcción profesional y significaciones de docencia. Nuestra elección metodológica fue la investigación cualitativa con narrativas orales de vida, bajo las lentes del Imaginario Social. Los datos fueron producidos con entrevistas individuales y el análisis de los mismos se organizó con el Análisis de Contenido Categorical Temática. La investigación apunta significaciones instituidas en el contexto socio-histórico, así como relaciones de poder que aparecen imbricadas en esos espacios de formación y de trabajo.

**Palabras clave:** Trayectos formativos; Docencia y Género; Imaginario Social.

## PARA COMEÇAR: OS PRIMEIROS PONTOS

A cada ponto, um encontro e um mosaico de histórias que entrelaçam as narrativas e a disposição para o olhar e a escuta cuidadosos com a pesquisa. Como uma composição de imagens, trouxemos, neste artigo, o *corpus* dos dados produzidos durante a pesquisa desenvolvida entre os anos de 2016 e 2018, entremeados de referenciais teóricas que embasaram a investigação. Descobertas no universo das memórias provocaram-nos a desfazer certezas amarradas, oriundas de nossas formações e imaginários que foram sendo *desmanchadas e reconstruídas* como as correntes de um crochê.

---

<sup>1</sup> Docente Educação Especial – AEE do Instituto Federal Farroupilha, Campus Julio de Castilhos. Graduada em Educação Especial (UFSM), e Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (UFSM).

<sup>2</sup> Docente de Pedagogia do Instituto Federal Farroupilha – Campus Jaguari, Doutor e Mestre em Educação (UFSM).

Diante disso, fizemos a escolha pela Pesquisa Narrativa como um *novelo*<sup>3</sup> para a investigação, as entrevistas semiestruturadas serviram de via para a produção das narrativas orais das colaboradoras, tendo como viés a História Oral Temática, com a intenção de perceber as significações imaginárias do *ser mulher* na docência, revisitando trajetórias formativas e olhando para a construção das identidades, num contexto social e institucional.

A questão principal de pesquisa buscou saber *Como foram constituídos os trajetórias formativas e os saberes docentes de professoras da Educação Profissional e Tecnológica?* Ao investigarmos os trajetórias formativas de professoras de Ensino Técnico de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, situado no Rio Grande do Sul, identificamos as implicações do ser mulher na construção dessas professoras. Para tanto, recorreremos ao conceito de “Imaginário Social” pela perspectiva do filósofo CASTORIADIS (1982, 1987, 2006) e o entrecruzamos com o imaginário sobre mulheres professoras.

## **CAMINHOS PERCORRIDOS: A PRODUÇÃO DA TRAMA**

As Marias: *Helena, Valentina, Beatriz, Fernanda e Luísa*, nossas colaboradoras de pesquisa, participaram, com suas histórias de vida e formação, seus saberes e disposições para a docência, significações imaginárias, sua *anima*... Assim, escolhemos, como a primeira colaboradora, uma professora que atua/atuou na Educação Básica Técnica e Tecnológica de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, localizado no Rio Grande do Sul, e a entrevistamos. A escolha da primeira colaboradora aconteceu a partir do vínculo institucional construído, da formação inicial da mesma e do conhecimento sobre o tema em investigação. E, também, por serem os primeiros participantes denominados “sementes”, na Técnica Metodológica adotada, que se assemelha à “Snowball Sampling” (Bola de Neve ou Cadeia de Informantes).

Essa forma de amostra não probabilística, é comum em pesquisas educacionais, pois trabalha com cadeias de referência. Nesse sentido, a primeira participante indicou outras e, assim, sucessivamente, até que o “ponto de saturação”, ou seja, o objetivo proposto, foi alcançado (BALDIN e MUNHOZ, 2011). Ocorreu, de tal maneira, que o “ponto de saturação” foi alcançado quando percebemos repetições diante dos conteúdos

---

<sup>3</sup> Novelo: amontoado de fios enovelados; fios enrolados.

surgidos nas entrevistas iniciais sem o acréscimo de dados diferenciados à pesquisa.

As entrevistas foram realizadas a partir da perspectiva de Meihy (2011, p. 14), para o encaminhamento natural das análises, o que descreve como “*corpus documental provocado*”. Ainda com esse pensamento, utilizamos a expressão “colaboradora” à procura de um conceito ético com as entrevistadas, superando a referência de “objeto de pesquisa”, “atrizes sociais” ou “informantes”, também na proposição de Meihy (2011, p. 25) proporcionando a dialogicidade entre quem grava ou registra narrativas de outras pessoas, fazendo, desses encontros, momentos de grande significação.

Do emaranhado de fios em narrativas à produção da escrita, vinculada ao campo teórico do Imaginário Social, em que situa a pesquisa entre o simbólico e o vivido, tem-se como centro a formação docente atravessada pelas histórias das mulheres e pelo gênero, sendo rememoradas e ressignificadas. As análises das narrativas fizeram emergir eixos que serão discutidos neste artigo: trajetórias formativas: o ponto a ponto na construção da identidade docente; os fios que produziram o desenho da Identidade Profissional: a mulher-professora na/da EBTT; na trama dos fios... as disposições para a docência e docência e gênero: a ocupação feminina produzindo novas imagens.

## **ENTRELAÇANDO FIOS: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Dialogamos com a pluralidade de perspectivas da pesquisa narrativa e das recordações-referência (JOSSO, 2004). Por meio da memória, foi possível o recontar e o reorganizar de experiências individuais ou coletivas, imagens reconstruídas e acontecimentos que produziram as mais diferentes significações, num processo de investigação/formação, apresentado em Oliveira (2006, p. 172): “não temos objetos de estudo, mas sujeitos, pessoas que se colocam como pesquisadoras de si, com o auxílio da memória, reconstruindo imagens, representações construídas sobre professores, sobre escolas, sobre formas de ser e de estar na docência”, como uma escolha pelo respeito mútuo entre os envolvidos (nesse caso, as envolvidas), bem como a autoria compartilhada e o anonimato.

Esse passado (não tão passado, assim), evocado na forma de narrativas de vida e de formação, na busca por sentidos e significações. Para desenhar minha experiência, recorreremos a Larrosa (2003, p. 64), que diz “o vivido só se torna recordação na lei da narração que é, por sua vez, a lei de sua leitura. E aí, se torna outra vez vivo, aberto,

produtivo. A memória lê e quem conta é a memória em que o *era uma vez* converte-se em um *começa!*” E começamos...

### **TRAJETOS FORMATIVOS: O PONTO A PONTO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:**

A diversidade apresentada pelos excertos das narrativas mostrou que os trajetos formativos das colaboradoras foram atravessados por momentos importantes que influenciaram e contribuíram para a escolha da carreira docente. Foram os primeiros contatos e maneiras para pensar o ensino como uma atividade profissional, como sugere Josso (2004, p. 38): uma “manifestação de um ser humano que objetiva as suas capacidades *autopoiéticas*”.

A escolha pela profissão mostrou-nos a riqueza de diferenças na construção dessas tramas: a pedido da família, surpresas após a saída da universidade, desejos de infância...são histórias de cinco mulheres, cheias de vida e de possibilidades reflexivas a partir das experiências vividas. Apresentamos um quadro com grupo de colaboradoras e o destaque para a área de formação inicial e de atuação, na fase de produção dos dados:

QUADRO 1 – As colaboradoras

COLABORADORA	ÁREA DE FORMAÇÃO INICIAL	ÁREA DE ATUAÇÃO (na fase de produção dos dados)
MARIA HELENA	AGRONOMIA	Em processo de aposentadoria
MARIA VALENTINA	MEDICINA VETERINÁRIA	Gestão Institucional
MARIA BEATRIZ	ENGENHARIA CIVIL	Docência no Ensino Médio Integrado/Coordenação de Eixo
MARIA FERNANDA	ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	Docência em Cursos de Licenciatura e Bacharelado
MARIA LUÍSA	ENGENHARIA QUÍMICA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	Docência em Curso de Licenciatura/Coordenação de Curso

Fonte: Elaborado pelos autores.

A compreensão sobre o processo de escolha da profissão como uma das experiências mais significativas e marcantes na vida surge nas vozes de Maria Helena e de Maria Beatriz:

Eu fiz... Fiz Agronomia, no caso, muito voltada por questões familiares. Como eu era a filha mais velha, não tinha irmão, meu pai foi me levando pro ramo da Agronomia e eu como gostava, seguir. Até porque eu tinha certa prática, de campanha, assim... de morar pra fora, família italiana e alemã. [...] Daí eu fiz a formação pedagógica, sou licenciada para as disciplinas de segundo grau, no caso... Naquela época e, enquanto eu estava fazendo a formação pedagógica eu comecei a dar aula de Técnicas Agrícolas em contratos temporários no Estado. Então, eu com o quê? Uns vinte e quatro, vinte e cinco anos (rsrs) eu tava dando aula de Técnicas Agrícolas nas escolas estaduais. (MARIA HELENA)

O acesso a si mesmo, provocado pela narrativa, como no crochê as *laçadas são estendidas* em relação ao mundo, foi permitindo, a cada um de nós, interpretar e ressignificar experiências. Nessa lógica, Dewey (1976, p. 11) sugere que “[...] descobrir a relação que existe dentro da experiência entre as realizações do passado e os problemas do presente. A solução estará na descoberta de como a familiarização com o passado poderá traduzir-se em poderosa instrumentalidade para melhor lidar efetivamente com o futuro”. A busca pela construção de aprendizagens que possa melhorar a formação e a prática é, por esse viés, um trajeto não só construído subjetivamente, mas também na coletividade, embora isso não seja sempre explícito.

Na verdade quando eu estava terminando o Ensino Médio, pra gente... o terceiro ano científico, todos os testes vocacionais que eu fiz era pra Humanas. Todas pra Humanas. E... Minha mãe dizia: “Tá loca”, não vai fazer nenhuma “gia”... Porque não ia ganhar dinheiro e tal... Essas coisas assim. Então era Direito, Medicina, ou era Engenharia. E eu fiquei naquela, neh? Meu pai era professor universitário e, inconscientemente, eu segui a profissão dele. (MARIA BEATRIZ)

Os excertos apontam que a docência não esteve presente no desejo inicial da formação, mas constituiu-se no/do entrelaçamento das vivências e oportunidades que foram surgindo, como sugere Josso (2004, p. 43): “as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não como a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”. O saber-fazer e o saber-ser das professoras apontaram memórias da perspectiva

freireana, do amor pela docência, que, sozinho, não sustenta a prática profissional, é elemento imprescindível para a profissionalidade docente.

Acerca disso, Maria Luísa narra a imagem da mãe como uma das memórias vividas. A relação familiar, as falas e os mandatos ocupam lugar central, unindo sentimentos e responsabilidades que assinalam esse tempo que ficou guardado, embora não esquecido. A sequência da narrativa revela que, apesar de iniciar com uma formação de Bacharelado, ela e a docência continuaram a buscar-se:

Eu na verdade sempre quis ser professora, minha mãe é professora de Língua Portuguesa e eu sempre acompanhei a trajetória dela. Participava dessa coisa de corrigir prova, de preparar aula, eu sempre gostei disso, só que a minha mãe é professora estadual e achava assim, que eu tinha potencial para ser outras coisas, ela não queria que eu fosse professora, então quando eu fui fazer o vestibular. Minha mãe queria muito que eu fosse médica, mas eu não me sentia nessa área de Medicina. Optei por engenharia, a minha primeira graduação, só que aqui eu não me realizava, não me motivava aquelas atividades.  
(MARIA LUISA)

A possibilidade das implicações de gênero na docência surgiu na fala de Maria Valentina, que se coloca já, de imediato, como *mulher*, antes mesmo de narrar-se enquanto educadora. Ela também traz para a narrativa as filhas, a família e as cenas de sua história. O entusiasmo, ao revisitar seu trajeto formativo, foi um momento precioso da pesquisa. O brilho no olhar, a alegria, a imagem que foi se instituindo enquanto relatava. Foram muitos e coloridos os pontos dessa trama.

Sou uma mulher, educadora, que se constituiu profissionalmente, na Educação Profissional e Tecnológica, desde 1992, quando ingressei na Escola Agrotécnica Federal atuando fundamentalmente com Ensino Técnico de Nível Médio [...] também uma pessoa que tem uma família, mãe de três filhas, que acredita que, apesar de tudo, a educação é a forma mais potente da gente conseguir fazer transformação na vida das pessoas. E foi muito interessante essa relação. A questão da docência, essa retroalimentação que se tem da gente com os alunos e dos alunos com a gente. Foi tão bom pra mim, eu me esforcei tanto, no que eu fiz, que os meninos (eu dei aula para eles um mês) e que quando foram escolher os homenageados, me convidaram para professora homenageada. Eu fiquei num estado... De êxtase! E eu tinha... Acho que vinte e dois anos, por aí... Formei-me com vinte e um. (MARIA VALENTINA)

Maria Valentina falou sobre a relação com seus alunos e as surpresas que recebeu a cada turma, o que reforça os sentidos do desenvolvimento pessoal do professor, nas perspectivas individuais e coletivas. A formação docente assume uma

tarefa de valorização e de reconhecimento da dimensão prática da atuação dos professores, a partir de propostas reflexivas que possam ser promotoras de transformação.

O relato de Maria Fernanda mostrou a busca pelo autoconhecimento bastante intenso. Agregou as questões pessoais, familiares, profissionais e seu cuidado ao olhar-se. Das colaboradoras, foi a que trouxe mais fortemente sua história de mulher, gostos, desgostos e superações. Falou no tempo e na experiência, na maneira como compreende essa relação. Foi possível sentir que o trabalho é sua base, produzido de forma dinâmica nas frentes e lutas às quais adentrou, sempre escolhendo o amor.

Sou uma mulher forte, corajosa... Destemida, persistente, lutadora. Acho que às vezes impositiva demais assim em algumas coisas que eu acredito. Mas uma mãe. Acho que acima de tudo, toda essa força vem muito da maternidade, dos desafios que ela traz. Então fui me constituindo ao longo do tempo e hoje eu gosto da mulher que eu olho. Teve um tempo que eu não gostava, mas hoje eu olho pra essa mulher e eu gosto... gosto do que eu vejo, gosto de onde eu cheguei, gosto das lutas que eu acho que são válidas de entrar... Mas é um caminho né? 50 anos. Acho que assim, eu me defino uma professora que é apaixonada pelo que faz, também, eu me realiza na atividade da docência, ela me traz muita esperança e muita liberdade de atuação. Isso é uma coisa que eu prezo, acho que eu sou uma mulher liberta. A atividade que eu exerço me dá essa possibilidade de andar e transitar por áreas que me trazem satisfação e que me dão uma perspectiva de uma transformação com quem eu trabalho. Então, eu acho que isso é uma coisa boa. (MARIA FERNANDA)

O comprometimento de Maria Fernanda com um projeto transformador fica claro ao ouvi-la, da mesma forma que declara os desafios institucionais e pessoais. Aproximamo-nos de sua fala quando narra que a atividade exercida lhe dá mobilidade, pois amplia o espectro das coisas que dão prazer e satisfação, mostrando o amadurecimento ao longo do percurso.

## **OS FIOS QUE PRODUZIRAM O DESENHO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: A MULHER-PROFESSORA NA/DA EBTT:**

O encontro das pesquisas em formação de professores com os postulados de Nóvoa (1991) problematizam a Identidade Profissional: De que maneira, quando e como nos tornamos professores? Existe influência sobre a ação pedagógica, das características pessoais e profissionais dos professores? Nesse sentido, Nóvoa (1991, p.



16) propõe:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

O autor sugere, com isso, que as experiências provocam mudanças identitárias, fazendo com que o olhar movimente-se entre as formações, atual e anteriores, numa reflexão sócio-histórica e processual de histórias, imagens, conhecimentos e ações.

Buscamos a narrativa de Maria Luisa para apresentar alguns dos desafios da carreira:

A imagem de docente da minha mãe, de alguns professores do Ensino Médio... Lembro-me da professora de Química, que ela exerceu uma grande influência pela minha opção por Engenharia. Eu acho que é um desafio um pouco diferente de um Ensino Médio normal ou Ensino Superior normal. Você tem que apresentar os conteúdos do teu componente curricular, mas dentro dum contexto profissional, mostrando as possíveis aplicações que eles possuem. Então isso é um desafio porque os professores falam por mim, nem sempre conhecem aplicações dos seus conteúdos em todas as áreas. (MARIA LUISA)

Nesse sentido, Clandinin e Connelly (2015, p. 99) retratam que, enquanto pesquisadores, entramos nesse campo e revivemos nossas histórias, assim como nossos colaboradores, pois “[...] suas vidas não começam no dia em que chegamos, nem terminam quando partimos. Suas vidas continuam. [...] Suas instituições e comunidades, suas paisagens no sentido mais amplo, também estão envolvidas no meio das histórias”. Os aspectos relacionais são desestabilizadores, no sentido em que, ao olhar para as histórias, fez com que voltássemos às nossas. E, ao nos mover, nesse ir e vir, percebemos que nós e nossas colaboradoras nunca estivemos sozinhos.

A imagem positiva da profissão docente revelou a experiência formadora, ao imprimir, nas vivências em família, as marcas da atuação profissional. Nóvoa (1991) corrobora, para isso, ao descrever a ação docente como algo que não se limita ao espaço da sala de aula, mas que se relaciona de forma muito próxima aos vínculos e à constituição pessoal e profissional do professor.

Atuar na Educação Básica, Técnica e Tecnológica, na Rede Federal, apresentou-se como um desafio em particular. Trabalhar no sentido do desenvolvimento

omnilateral, com pessoas numa diversidade etária, e, ainda, contemplar o atendimento aos diferentes níveis: Ensino Médio Integrado, Técnico Subsequente, Tecnólogo e Superior. Repensando a proposta dos Institutos Federais, MOURA (2007) discute uma questão bastante significativa que transita por imaginários docentes no que se refere à gestão e à organização institucionais. Segundo o autor, a Educação Profissional e Tecnológica sofreu um abandono de décadas e, com isso, sua reestruturação originou um quadro diversificado de servidores. Diante desse cenário, a perspectiva de gestão tem feito com que assumam atividades na administração dos *campi*, nas coordenações, nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. Muitas delas com gratificações. Nesse sentido, o referido autor descreve que não é estranho que sejam atendidas, com maior ênfase, as questões político-financeiras em relação às de ensino e de aprendizagem.

A colaboradora Maria Fernanda atuou na rede privada de Educação Profissional, o que lhe proporcionou uma base para o momento em que teve ingresso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, como relatou:

Eu já atuava na Educação Profissional, na área privada. Eu trabalhei nos cursos técnicos, então ali começou um olhar um pouco diferente. Mas foi realmente no CEFET, lá em 2008 quando entrei... Faz 10 anos que eu atuo na rede pública. Desde lá que realmente eu fui me constituindo essa educadora da Educação Profissional e Tecnológica, tomando consciência do que que é, dos desafios que traz, de toda a trajetória mesmo da Educação Profissional. Acho que eu peguei um período muito bom assim, que foi o período da criação dos Institutos Federais e isso me ajudou muito a compreender o que é a caminhada da Educação Profissional, a importância do instituto dentro desse processo também.  
(MARIA FERNANDA)

Os relatos de Maria Fernanda sobre sua atuação à época da criação dos Institutos Federais contribuíram para que repensássemos o trabalho na coletividade, como possibilidades formativas através dos “gatilhos de memória”, uma vez que, ao ouvir e refletir sobre o que os colegas pensam, fazem e dizem, podemos fazer com que sentimentos, até então adormecidos, comecem a pulsar. Josso (2004, p. 130) retoma esse pensamento: “ele dá sentido, ajuda-nos a descobrir a origem daquilo que somos hoje. É uma experiência formadora que tem lugar na continuidade do questionamento sobre nós mesmos e de nossas relações com o meio”. Entendemos que esse tempo permite um olhar mais cuidadoso e generoso com os demais profissionais da docência, na compreensão solidária do caminhar: para si e para o outro... Com o outro. Nos

excertos a seguir, destacamos, das falas das professoras Maria Valentina e Maria Beatriz, as especificidades também visíveis no lócus da pesquisa, nas abordagens de Ensino, Pesquisa e Extensão:

Outro elemento que também eu acho que é bem singular, talvez, do meu trabalho, é que... talvez por uma característica minha e porque eu entendo que isso também é papel, principalmente no Ensino Técnico, é o fato de articular muito teoria e prática. Ser professor da Educação Profissional e Tecnológica em lugares onde a estrutura, a infraestrutura permite, é muito fácil da gente conseguir essa articulação... (MARIA VALENTINA)

A articulação problematizada por Maria Valentina é apresentada por Josso (2004, p. 63) quando se refere aos múltiplos sentidos, à “existência singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto. Um trabalho formador de si, ligado à narração das histórias de vida e a partir delas”, fato que ressalta os aspectos importantes da formação pelas experiências de educação dos professores como bem demarcaram as colaboradoras.

Quando Maria Helena questiona-se durante a entrevista narrativa: Será que eu fiz certo? Ehh... Fiz! Eu fiz certo, sim! Dei o que eu pude... Recordamos Anastasiou (2003, p. 13) ao afirmar que “ensinar é deixar marcas e essas marcas deveriam ser de vida, de busca e de despertar para o conhecimento”. Nesse sentido, passamos a olhar para os saberes e para as disposições para a docência.

Sou docente do Instituto Farroupilha, da nossa antiga Escola Agrotécnica Federal, desde o ano de 1992. Mãe, mulher, mas muito sempre muito voltada à parte do trabalho. Ele traz satisfação, retorno profissional pra gente. Trouxe muito retorno profissional... Eu estou assim, num período de aposentadoria, em que tu já está repensando... tudo o que tu fez: Será que eu fiz certo? Ehh... Fiz! Eu fiz certo, sim! Dei o que eu pude... Gostaria de ter dado mais, até... porque, principalmente aquele atendimento ao aluno que precisava da gente, aquele aluno que veio ali, interno e ficou. Eu não me vejo, não me vi nunca, fazendo outra coisa que não fosse professora. E está muito difícil me desligar... sabe? (MARIA HELENA)

### **NA TRAMA DOS FIOS... AS DISPOSIÇÕES PARA A DOCÊNCIA:**

Os elementos apresentados pelas colaboradoras evocam as “disposições para a docência” apontadas por Nóvoa (2009), no sentido de retomar o “tato pedagógico” nos

diálogos e no convívio dos pares mais experientes. Ademais, evocam toda a história relacional que envolve o trabalho docente, promovendo o transcender do espaço escolar. Nas palavras de Cunha (2008), os “contextos vivenciais”, como relata Maria Helena:

Para a gente era importante a Formação Pedagógica. Quando nós ingressamos no Instituto, nenhuma de nós tinha Mestrado, nós fomos fazendo durante todo o curso. O meu trabalho era um pouquinho pesado, a gente não tinha o envolvimento só com a docência, nós tínhamos o produto para entregar. No meu caso, era a industrialização de alimentos. O perigo de perder o leite, era tu entregar... Imagina tu fazer um setor andar no serviço público, ainda mais no serviço público antigo? Tu não tinha carro adequado e eu, com aqueles queijinhos ali, precisando de refrigeração? A gente foi... A minha área até que foi em frente. Como era uma área que o governo estava investindo, eles queriam implantar Cursos de Agroindústria, queriam trabalhar com agroindústria, que os alunos tivessem essa formação porque viam uma oportunidade deles trabalharem na propriedade, eu recebi bastante capacitação. (MARIA HELENA)

Observamos o compromisso com a formação continuada, uma vez que relata que, ao ingressarem, a maioria dos professores ainda não havia concluído o Mestrado. No entanto, isso não constituiu fator para minimizar as buscas por uma educação de qualidade e pelo “fazer ciência”.

Já Maria Luisa dialogou com as significações referentes à docência. A primeira, pautada no “espaço onde encontrou possibilidades” de construção profissional:

Então, eu fui pra um campo que era mais aberto, porque o fato da gente ser professora em si, era suficiente, aqui dentro da Licenciatura em Matemática. Cada um com suas experiências em outros cursos parecem que não. (MARIA LUISA)

As significações construídas acerca do papel da aprendizagem biográfica na formação e na pesquisa são promotoras de diálogos e reflexões múltiplas, contribuindo enormemente nos processos de Formação de Professores, ao adentrar a trama da vida destes, suas experiências pessoais e coletivas, perpassando temáticas simbólicas e materiais como os aspectos emocionais, fatores salariais e a condição humana da docência. Ao inferir sobre as biografias, Delory-Momberger (2012, p. 37) contribui:

Essa escrita, pela qual tornamo-nos os recitantes de nossa vida, nos inscreve na história e na cultura. A imersão do fato biográfico na linguagem da narrativa remete à historicidade das linguagens da narrativa: as histórias que contamos de nossa história se escrevem sob

as condições sócio-históricas da época e da cultura (das culturas) às quais pertencemos, Há uma história (uma historialidade) do “narrar a vida”, como há uma história (uma historialidade) do “indivíduo”, da “consciência de si”, do “sujeito”, [...] constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida.

Narrando-se, Maria Valentina mostrou trechos desse caminho:

Como professora foi algo que foi acontecendo com o tempo. Eu me formei, terminei a minha faculdade e à época as possibilidades de pós-graduação eram muito reduzidas e eu fui atuar, na área da produção animal. Aí eu trabalhei na Emater e por insistência da minha mãe, que é professora docente da Rede Estadual, eu fiz... Um Curso de Formação de Professores. Naquela época, a gente chamava de Formação Pedagógica. Mas na verdade era Formação de Professores para Disciplinas Especializadas do Ensino de Segundo Grau: esse é o nome que vem no diploma. Era uma Licenciatura, à noite. Por insistência da minha mãe, eu trabalhava de dia e fiz esse curso. Eu sempre gostei muito de estudar e era a única possibilidade... pois como eu te disse não tinha Pós-graduação onde eu vivia. (MARIA VALENTINA)

Dessa forma, os escritos de Nóvoa (1991, p. 17) discutem “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”, provocando uma reflexão a respeito da construção dos processos identitários e de autonomia para o exercício da docência, considerando as implicações dos sentimentos são envolvidos no controle do trabalho.

### **DOCÊNCIA E GÊNERO: A OCUPAÇÃO FEMININA PRODUZINDO NOVAS IMAGENS:**

Pensar o Imaginário Social como base para a pesquisa provocou-nos a buscar compreender os atravessamentos das questões de gênero e da história das mulheres na docência, constituindo e estruturando o social.

As relações de gênero estão inerentemente ligadas às questões de poder. Nesse sentido, nossa preocupação foi buscar elementos na História das Mulheres visivelmente percebidos nas falas das colaboradoras.

Os excertos a seguir trazem as discussões do campo do Gênero à procura da convergência com a História das Mulheres, professoras de Cursos Técnicos. Recorremos a Foucault (1991) para pontuar que se torna evasiva a discussão das relações de gênero dissociadas das relações de poder.

Eu não tive coragem de concorrer com ele. Mas eu acho que foi uma ideia minha, sabe? Porqueeee... ehhh... claro, ele ficaria em primeiro lugar porque ele já era mais titulado, no caso ele já tinha Especialização, já tinha mais experiência de aula, ficaria na minha frente. Mas, durante o trabalho, a gente não tinha problemas. Tivemos problemas durante o concurso, que eu tive medo e, quando eu fui fazer concurso, que nós fazíamos uma prova teórica. (MARIA HELENA)

Maria Valentina destaca elementos de grande significação ao comentar que, mesmo sem manifestação de preconceito explícito, era perceptível a diferenciação, em especial pelos silêncios eventuais que se faziam nas salas de convivência, quando um grupo de professores homens estava conversando e uma professora mulher se aproximava. Expressa, no entanto, que, nos grupos de alunos e alunas, tais ações não eram tão evidentes.

Nas disciplinas básicas tínhamos outras colegas mulheres. Mas, nas disciplinas técnicas era um universo muito masculino e, dentro da sala de aula, essa situação se reproduzia, totalmente... a gente chegava a ter turmas, que não tinha meninas. Que eram só meninos. Mais do que a questão numérica, quantitativa, a questão de... (pausa) discriminação acho que é a palavra, eu nunca sofri explicitamente por parte dos meus colegas. Mas a gente percebia muito facilmente... por exemplo, às vezes tu chegavas na sala dos professores... eles emudeciam, claro! O que eles estavam falando? Era um assunto que eles achavam que eu, enquanto mulher, não deveria ter acesso ou não saberia participar, sei lá. Agora, engraçado que com os estudantes, essa questão era exatamente o inverso. Talvez até porque éramos muito poucas mulheres, eles nos acolhiam muito bem, eles nos tratavam muito bem, com muito respeito... Uma relação de muuuuito respeito. Nunca houve nenhum problema que a gente pudesse dizer... Disciplinar, ou de um aluno menosprezar a minha capacidade profissional (MARIA VALENTINA)

Em sua narrativa, Maria Valentina expressa as marcas do preconceito velado que vivenciara ao mostrar os silenciamentos diante da presença feminina nas salas de convivência de professores e professoras. O lócus da Educação Básica, Técnica e Tecnológica apresenta o trabalho como um princípio educativo. Sendo assim, a narrativa de Maria Luísa evidencia as questões profissionais da docência, uma vez que atuou nos cursos técnicos de nível médio; na contemporaneidade, desenvolve suas atividades nos cursos de Licenciatura. De sua memória no trajeto formativo, aponta que em alguns contextos, precisou de maior esforço como se fosse uma garantia de competência e profissionalidade.

Na questão profissional, assim, de professor de sala de aula eu acho que é normal, não existe nenhum tipo de diferenciação, eu acho assim que, que dentro do curso superior licenciatura em matemática estou mais próxima hoje, a gente trabalha naturalmente, apesar de predominar o gênero feminino. Então, tu se sente mais à vontade. Eu já trabalhei, por exemplo, em outras escolas, ou até em cursos técnicos diferentes: técnico em segurança do trabalho, por exemplo, onde era mais homens, e assim às vezes a gente é desafiada, porque tu tem que mostrar competência dentro do técnico, do ensino médio mesmo. (MARIA LUISA)

Em Meyer (2003), o conceito de gênero é apresentado como algo que aponta para a noção de que, através de outras instituições e práticas sociais, as pessoas vão se constituindo homens e mulheres, num processo translinear, não-progressivo nem harmônico, por sua vez, também inconcluso. Entrelaçam-se, assim, gênero e educação, pois, nessa perspectiva, os processos educativos transcendem o espaço escolar, contemplando os vínculos familiares, as infâncias, a arte e seus entornos, em que os sujeitos aprendem a significar suas identidades. A autora ainda apresenta, de maneira bastante pontual, a sutileza e a naturalização com que tais processos se instituem e se enredam.

O encontro com Maria Beatriz trouxe falas carregadas de problematizações e desafios nos fizeram viver uma experiência belíssima de formação. Como contribui Perrot (2017, p. 16), “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres tem uma história”? Acrescentamos ainda: Quem está contando ou contou a história das mulheres?

... Entrei numa sala de aula e um aluno me disse: a disciplina quando o professor fulano dava, era muito melhor – porque é homem, porque ele não cobrava tanto, alguma coisa desse tipo. Eles não respeitam a gente como mulher. E assim, eu sinto esse receio, sabe? Até hoje. Porque você entrar numa turma só de homem pra dar aula, você tá ali se expondo, sabe? E foi por isso que eu gostei também dessa questão de empoderamento... Pra gente se valorizar mais, não só como mulher, mas como profissional também. Mas eu ainda tenho receio, de entrar nas turmas... Eu sinto isso, principalmente que as mulheres são machistas também, ainda. O que a gente nota entre colegas, se a gente está numa reunião, se a gente está falando... Eles interpelam. Eles não deixam a gente falar. Mas eu vi várias coisas, como... Professora tal tem que casar pra não ser tão agressiva, essas conversas que eles dizem... Ah, não tá transando, essas coisas que a gente escuta de outros alunos, que, provavelmente falam de mim, igual. Então, são situações assim, que são corriqueiras e que a gente tem assim, no dia a dia. Eles não entendem e isso, aos pouquinhos, a gente vai conversando e vai trazendo. Alguns eu

sei que não pensam dessa forma. Mas... são as raízes, a forma como eles foram criados, entende? E eu acho que agora é o momento da gente fazer essa transformação, pra que eles consigam enxergar a gente de um modo diferente. O pior de tudo o que eu acho são as mulheres, as alunas mulheres que protegem os professores homens e a gente não. (MARIA BEATRIZ)

O que Maria Beatriz revela como situações corriqueiras materializa o preconceito naturalizado em direção às relações de gênero, quando as mulheres precisam se autoafirmar constantemente para garantirem seus direitos e terem sua presença respeitada enquanto sujeitos. É chegado o momento da transformação.

Ampliando o diálogo acerca da invisibilidade das mulheres, Perrot (1998, p. 65) aponta: “De um modo geral, as mulheres constituíram auditórios às vezes cativos [...] cuja avidez se manifestava pela afluência e pela atenção [...] Essa grande presença tornava visível no espaço público a existência cultural delas, ainda que muda”. Maria Fernanda ocupa essa “voz” ao falar sobre a maternidade:

Eu acho que a maternidade tem que falar, porque acho que pra qualquer mulher é complicado. Pra mim, quando os guris eram pequenos... eu já tinha os três filhos e eu decidi que tinha que fazer o Mestrado. Aí eu tive que escolher, eu tive que deixar eles, eu deixava os três e fui fazer o Mestrado. Foi muito difícil deixar os guris por um ano, que eu ficava indo e vindo, então foi acho que um pouco essa minha trajetória. Foi sacrifício deles, toda essa trajetória eu devo a eles, de todo o sacrifício, da ausência da mãe que eles tiveram que suportar, tentava compensar... Mas acho que não existe isso... compensar. Tem que olhar que a cada tempo é um tempo, o tempo deles pequeninhos ali, aquele ano eu perdi. Eu tentei compensar escrevendo pra eles, mandando cartas, anotando minha dor, meu sofrimento, porque foi muito sofrido pra eles e pra mim também, mas eu tinha na frente o que eu queria, que era um emprego federal, era melhor condição de vida pra eles e tal. Não sei, acho que deu pra compreender isso, hoje eles não me cobram essa ausência, mas foi muito. Eu vejo, que pra mulher, ela se estabelecer profissionalmente é a duras penas, não é simples. Para o homem não, ele não tem a responsabilidade dos filhos, então pro homem é natural, ele vai, viaja, sai, mas a mulher cada vez que ela sai tem que planejar toda a estada dos filhos: Quem que vai fornecer a alimentação? Como que vai dar conta da escola? Do uniforme? E ela tá lá, ela tá trabalhando, e ela tá longe... pensando nisso tudo. O homem não pensa nisso. É uma marca do gênero, da história. (MARIA FERNANDA)

Maria Fernanda são todas as mães, mulheres, trabalhadoras, servidoras públicas que ocupam seus espaços na bravura e no empoderamento, muitas vezes silencioso. Rupturas e atravessamentos que o campo dos Estudos de Gênero e o revisitado da História das Mulheres promovem à Educação.



Aqui, uma breve pausa com as palavras de Maria Fernanda, que enriqueceu este trabalho com imagens carregadas de sentidos, relatando seu trajeto formativo, atravessado pelas mudanças, transformações e por eles: os filhos. Perrot (2017, p. 114) confirma suas palavras, mostrando que:

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona de casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa. Isso se espera também da perfeita: que ela coloque flores e cuide de seu patrão.

Nessa trama de fios, nem sempre tão bonitos ou fáceis de trabalhar, vão sendo produzidos sujeitos e imaginários. Que as falas dessas mulheres, aliadas às que problematizações que possamos fazer para que o espaço feminino na docência e nas instituições, seja uma construção possível.

## **O QUE NARRAM OS DADOS PRODUZIDOS?**

Escolher os fios, as cores, o *motivo* e começar a *crochetar*... A busca ao mapear significações de docência construídas pelas professoras dos Cursos Técnicos da EBTT, sob as lentes dos Estudos de Gênero e do Imaginário Social, oportunizou-nos viver, aprender, descobrir, desapegar, desconstruir certezas e verdades que pensávamos indiscutíveis. Transformamos em aprendizagem e hoje, sentimos que desejamos mais. E mais... Ainda faltaram fios nessa trama! Muitas teorias, estudos, pesquisas e histórias de mulheres estão à espera para serem envolvidas na crocheta. Conhecidas, narradas, contadas e publicizadas. Pontos, entrepontos, *correntinhas*, composições coloridas e diversas... Ainda falta! Porém, *o desejo nasce da falta!*, uma discussão pelos rumos da *Psicanálise* para olhar o desejo de saber, de conhecer e de poder *saber-conhecer*.

Conhecer narrativas de vida e, a partir delas, novas possibilidades foi uma aprendizagem intensa. Mulheres: professoras, colaboradoras que nos acolheram em suas histórias, presenteando-nos com a riqueza em dados que, aqui, procuramos apresentar e olhar com zelo e cuidado. Imaginários instituídos que nos fizeram perceber as identidades, os trajetos de formação, o trabalho, a docência, as relações de gênero, enfim... *professoralidades*.

Os dados referentes a trajetórias formativas das professoras apontam para uma formação em Bacharelado, nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Química, Administração de Empresas, Agronomia e Medicina Veterinária, ao menos no aspecto documental de início de carreira. Todas participaram, cada qual em um dado momento, da formação docente. Para algumas, isso já vinha sendo pretendido, enquanto outras se depararam com a oportunidade de ingressar na Rede Federal de Educação e buscaram tal formação.

Todas as colaboradoras concluíram o curso de Doutorado e sua área de atuação foi descrita em tabela no corpo deste artigo. Salientamos o papel institucional no oferecimento de possibilidades para que todas participassem de formação continuada, tendo em vista que, no ingresso da carreira, algumas possuíam apenas a Formação Inicial de Graduação.

No que se refere aos saberes e às disposições para a docência, as professoras asseguram a necessidade dos saberes específicos, sem hierarquizá-los, apontando alguns como imprescindíveis à prática pedagógica, como os disciplinares, aqueles específicos na relação com alunos, o desenvolvimento profissional, enfim, uma multiplicidade de saberes. Ao dialogar sobre a origem desses saberes, dão ênfase para o *fazer-fazendo*, sem deixar de atribuir significado à importância da formação, do investimento e do desenvolvimento profissionais, a construção da identidade docente e dos saberes relacionados à experiência, num processo contínuo e inacabado.

Demarcaram, também, o papel do trabalho em coletividade, do enriquecimento de propostas integradas e transdisciplinares de Ensino, Pesquisa e Extensão, como dispositivos de formação. Nessa perspectiva, as colaboradoras relataram experiências vividas ao longo da profissão, quando a instituição ainda não havia sido reestruturada para Instituto Federal.

## **PALAVRAS FINAIS: DOS ARREMATES**

As mulheres conquistaram com muito esforço a escritura e as artes plásticas. Mas a arquitetura, essa ordem das cidades, a música, linguagem dos deuses, assim como no campo dos saberes, a filosofia ou as matemáticas, permanecem hostis a elas. Essas divisões simbólicas dos sexos são, de todas, as mais sólidas e as mais invisíveis. (PERROT, 1998, p. 91)

Trabalhar com a perspectiva de gênero na educação possibilitou-nos *puxar fios*

*de diferentes novelas*, uma vez que ampliamos o olhar e a escuta às questões institucionais, curriculares e do campo de saberes onde atuamos.

Ao adentrarmos na categoria Gênero e Docência, percebemos que os atravessamentos que ocuparam as narrativas foram bastante diversos. No entanto, salientamos que foram unânimes as relações estabelecidas entre questões de gênero, na ótica da *História das Mulheres* e as relações de poder, pelo viés *foucaultiano*. As colaboradoras compreendem como naturalizados os discursos da diferença e percebem como são construídos, produzidos ou reforçados os diálogos com os lugares na instituição, bem como quais os saberes e atribuições possíveis de demandados por ser mulher ou ser homem. As áreas técnicas são fortemente atravessadas pelo imaginário instituído de lugar para homem, de pertencimento masculino e de como são construídas tais significações.

Já esperávamos que, quaisquer fossem os resultados da pesquisa, iriam transcender nossas aprendizagens pessoais, fortalecendo o entrelaçamento de pesquisa e formação, como procuramos expressar por meio das categorias de análise emergentes: trajetórias formativas e saberes docentes; identidade profissional; disposições para a docência e gênero. Essa história continua.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C. Docência como profissão no Ensino Superior e os saberes científicos e pedagógicos. *Revista Univille Educação e Cultura*, v. 7, n. 1, jun. 2003.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf). Acesso em: 15 jun. 2017.

CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

CASTORIADIS, C. *Uma sociedade à deriva: entrevistas e debates, 1974 – 1997*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: UDUFU, 2015

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan.

/dez. 1997.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, 523-740, set./dez. 2012.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

JOSSO, M. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MEIHY, J. C. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

MEYER, D. E. *Gênero e educação: teoria e política*. In.: LOURO, G. L. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOURA, D. H. *Educação Básica e Educação profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração*. *Holos*, Ano 23, Vol. 2 – 2007. P. 4-30.

NÓVOA, A. *A Formação Contínua Entre a Pessoa-Professor e a Organização-Escola*. In: *Inovação*. Lisboa: Revista do Instituto de Inovação Educacional, v. 4, n. 1, 1991.

NÓVOA, A. *Professores imagens do futuro presente*. Lisboa: EDUCA – Instituto de Educação/Universidade de Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, V. F. *Narrativas e saberes docentes*. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.

PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.